



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES
EICOS

MARIA ANGELICA DE MELO RENTE

**CARTOGRAFIAS DA VIDA EM RISCO: PODE A CIÊNCIA CONTRIBUIR PARA
ADIAR O FIM DO MUNDO?**

Trabalho final da disciplina Horizontes Socioambientais do Programa EICOS
do Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
ministrada pela prof, dra. Marta Pinheiro.

Rio de Janeiro
Dezembro de 2019

Cartografias da vida em risco: pode a ciência contribuir para adiar o fim do mundo?

Maria Angelica de Melo Rente¹

RESUMO

O objetivo deste ensaio especulativo é propor uma reflexão e convidar a interlocução sobre a importância - e a necessidade - de uma abertura para a elaboração de novas epistemologias das ciências e os consequentes métodos de investigação derivados delas. Vale-se da abordagem transdisciplinar da Ecopsicologia e baseia sua proposta na obra de diversos autores-intercessores, conceito derivado de Deleuze, os quais têm focado suas investigações nos fenômenos do Antropoceno e na crítica propositiva dos meios tradicionais de se “fazer ciência”, como Latour, Haraway e, particularmente, Anna Tsing. Especialmente a cartografia e a etnografia, com seu resgate e valorização das narrativas, percursos, relações e afetos, são contempladas como recursos para construir um conhecimento que vá além do dogmatismo científico, que promove a exclusão de outras formas de se fazer ciência a partir de referenciais socioculturais e históricos que não apenas os ocidentais, marcadamente patriarcais e eurocêntricos. Relembrando e reconhecendo o papel das mulheres no nascimento do método científico, o ensaio convida a um retorno aos seus aspectos fundamentais: a observação, a experimentação, a mensuração e a formulação de princípios baseados nos três primeiros passos. O olhar observador e essa “volta para casa” podem ajudar a aliviar a grande angústia da contemporaneidade diante da emergência climática e degradação ambiental, com todos os seus impactos sobre as instituições, sistemas e relações que conhecemos.

Palavras-chave: ecopsicologia, epistemologia da ciência, metodologia científica, cartografia, etnografia, narrativa, ecologia social.

Recentemente, em um encontro do grupo da linha de pesquisa da qual faço parte², falávamos sobre os inúmeros desafios que estamos enfrentando coletivamente, não só no nosso país, mas também como humanidade em geral, e uma colega perguntou, retórica e desalentadamente: “Como podemos manter a esperança de que é possível ainda fazer algo?” Pergunta que habita

¹ Aluna de pós-graduação (mestrado) do Programa EICOS – Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientanda de Emerson Mehry na linha de pesquisa Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde.

² Micropolítica do Cuidado e Trabalho em Saúde, Programa EICOS, Instituto de Psicologia da UFRJ.

a várias e vários de nós, a partir da nossa exposição cotidiana às notícias que nos colocam frente a frente com as grandes e pequenas violências perpetradas por governos ao redor do mundo sobre suas populações, com as consequências da emergência climática na qual o planeta se encontra, trazendo-nos uma crescente consciência do iminente colapso das instituições e sistemas que conhecemos até agora. A sensação de que o mundo, ao menos este mundo que nos é familiar, está fadado ao fim, alimenta a grande angústia da contemporaneidade.

O crescente e justificado alarme quanto aos riscos ambientais causados pela crise climática que vivemos tem sido fonte de ansiedade, neuroses e outras disfunções psíquicas, de acordo com pesquisadores como Theodor Roszak (1995), um dos principais teóricos da Ecopsicologia, campo de pesquisa transdisciplinar que visa compreender os impactos das relações que os seres humanos estabelecem com a natureza, especificamente no que concerne à nossa saúde mental. Propõe, inclusive, a reflexão sobre as novas subjetividades que podem vir a se constituir a partir da desconstrução da noção da humanidade como referencial, abraçando a ideia de “interser”, ou da inescapável teia de mutualidade que une a todos os seres da natureza, viventes e não-viventes. Coaduna-se, portanto, a visões propostas por teóricos que estão atualmente refletindo intensamente sobre as questões do chamado Antropoceno como Latour (1994), Haraway (2016) e outros, principalmente através das propostas de hibridização ou parentesco³ que estes autores oferecem como possibilidade de configuração de um novo paradigma de compreensão da existência compartilhada.

No núcleo do discurso da maioria dos atuais movimentos pela conscientização sobre a emergência climática, como o Extinction Rebellion⁴, ou de pessoas que lutam pela mesma causa, como a ativista sueca Greta Thunberg, está o chamado para que se escute a ciência. Mas será que exatamente a ciência, ao menos da forma hegemônica que vem sendo praticada desde a modernidade, não seria uma das instâncias que sustentam essa lógica destrutiva?

³ Ambos os termos, o primeiro utilizado por Latour, o segundo, por Haraway, referem-se à uma proposta que questiona e procura superar a clássica separação entre seres humanos e não-humanos. Ao trazerem a questão da interação como central na contemporaneidade, tais autores defendem a ideia de que é necessário buscarmos um modo de vida que contemple, inclua e misture todos estes entes, em uma noção bastante semelhante à dos intercessores, oferecida por Deleuze e que será citada e descrita a seguir.

⁴ Movimento surgido no Reino Unido no final de 2018 que tem por objetivo principal denunciar a emergência climática na qual o planeta se encontra, propondo e exigindo providências de governos e pessoas que possam deter ou mesmo reverter os impactos da ação humana sobre a natureza, através de ações diretas não-violentas como bloqueio de ruas, exposição deliberada à prisão, caminhadas, manifestações artísticas, etc.

Diversos autores, entre eles o já citado Latour (idem) e Feyerabend (1993), vêm nos alertando sobre o fato da ciência hegemônica de matriz clássica ter se tornado uma ideologia e não mais uma prática de conhecimento e aprendizado sobre os fenômenos do mundo. Ambos apontam os riscos do dogmatismo científico, que promove a exclusão de outras formas de se fazer ciência a partir de referenciais socioculturais e históricos que não apenas os ocidentais, marcadamente patriarcais e eurocêntricos.

O objetivo deste ensaio especulativo é propor uma reflexão e convidar a interlocução sobre a importância - e a necessidade - de uma abertura para a elaboração de novas epistemologias das ciências e os consequentes métodos de investigação derivados delas. Essa proposta se dá com base na obra de diversos autores-intercessores⁵ que têm focado suas investigações nos fenômenos do Antropoceno e na crítica propositiva dos meios tradicionais de se “fazer ciência”, como Latour, Haraway e, particularmente, Anna Tsing.

“Considere os cogumelos”

⁵ O conceito de autores-intercessores aqui utilizado deriva de Deleuze, que afirma, em *Conversações* (1992, p.156): “A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas - mas também coisas, plantas, até animais (...). Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores (...) Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê”. Partindo dessa ideia, Cruz (2016) propõe que a construção do conhecimento não é um ato individual, mas resultado de encontros e composições que produzem afetações nos nossos corpos, “obrigando-nos a conhecer” (p.95).



Imagem: Amy Ross

Cogumelos são seres encantadores para mim, apesar da pouca familiaridade que tenho com eles. Há alguns anos, quando trabalhei como voluntária na plantação que produz vegetais na comunidade de Findhorn, na Escócia, ouvi o jardineiro-chefe contar sobre um visitante japonês que cultivava cogumelos e que compartilhou sua experiência. Segundo ele, através da observação se descobriu que os cogumelos *shitake* brotavam intensamente depois de uma grande tempestade. Inferiu-se, então, que eles precisam ser submetidos a condições adversas para que frutifiquem a fim de se reproduzirem. Assim, se desenvolveu um método para o cultivo do *shitake* que envolve injetar os esporos em troncos de eucalipto que são empilhados nas florestas e expostos ao tempo durante aproximadamente dois anos, depois recolhidos e jogados em água muito fria, sofrendo golpes com outros troncos (para simular os impactos do vento, dos raios e da água da chuva de uma tempestade violenta) e levados a um ambiente fechado e escuro, onde frutificarão em aproximadamente uma semana. Mais tarde, visitei um sítio que produz estes cogumelos no estado do Rio de Janeiro e verifiquei o uso deste mesmo método. Achei tudo isso muito fascinante. A ideia de organismos que misturam características de animais e plantas sem serem nem um, nem outro, sempre me intrigou. Então, quando conheci o trabalho da antropóloga Anna Tsing e sua etnografia dos cogumelos *matsutake*

através das aulas da disciplina Horizontes Ambientais, fiquei muito interessada em compreender mais sobre ele, em especial no que se refere à metodologia de pesquisa desenvolvida por ela, que me parece guardar muitos pontos em comum com a cartografia sentimental proposta por Suely Rolnik (2016), que venho utilizando como fundamentação para a elaboração da metodologia de minha pesquisa de mestrado. Simultaneamente às minhas leituras dos artigos de Tsing, conheci um poema de Neil Gaiman, escritor britânico, que traduzo livremente abaixo:

AS CAÇADORAS DE COGUMELOS

A ciência, como você sabe, minha criança, é o estudo
da natureza e do comportamento do universo.

Está baseada na observação, na experimentação, na mensuração
e na formulação de leis para descrever os fatos revelados.

Nos velhos tempos, dizem, os homens vinham equipados com cérebros
destinados a seguir as bestas em corridas,
a saltar cegamente no desconhecido,
e, então, encontrar seu caminho de volta ao lar quando perdidos,
carregando um antílope morto entre eles
ou, num dia ruim, nada.

As mulheres, que não precisavam correr atrás das presas,
tinham cérebros que percebiam pontos de referência e traçavam caminhos entre eles
à esquerda no arbusto de espinhos e através do cascalho,
atentando ao tronco da árvore meio caída
porque, às vezes, há cogumelos.

Antes do bastão de caça ou das ferramentas de sílex,
as primeiras ferramentas foram uma faixa para carregar o bebê
mantendo nossas mãos livres
e algo para guardar as pequenas frutas e cogumelos,
as raízes e as folhas boas, as sementes e as ervas rasteiras.
Também um pilão de pedra para amassar, moer ou quebrar.

Por vezes, os homens perseguiram as bestas
até as matas profundas
e não voltavam mais

Alguns cogumelos matam
enquanto outros nos mostram deuses
e outros ainda alimentam a fome nos nossos estômagos. Identifique-os.

Alguns nos matam se comidos crus
e nos matam também se cozidos apenas uma vez,
mas se os fervemos em água da nascente e jogamos a água fora
e os fervemos uma vez mais e dispensamos a água,
podem ser comidos com segurança. Observe.

Observe o nascimento das crianças, meça o inchaço dos ventres e a forma dos seios
e, através da experiência, descubra como trazer os bebês ao mundo em segurança.
Observe tudo.

E as caçadoras de cogumelos andam pelos caminhos
E observam o mundo, e veem o que observam.
Algumas delas, bem nutridas, lambem seus lábios,
Enquanto outras agarram convulsivamente seus ventres e perecem.
Então, leis em relação ao que é seguro são feitas e partilhadas. Formule.

As ferramentas são criadas para edificar nossas vidas:
nossas roupas, nossa comida, nosso caminho para casa...
Para elaborar todas essas coisas nos baseamos na observação,
na experimentação, na medição, na verdade.

E a ciência, você recorda, é o estudo
da natureza e do comportamento do universo.
baseado na observação, na experimentação, na medição
e na formulação de leis que descrevem estes fatos.

A corrida continuou. Uma proto-cientista
Desenhou animais nas paredes de cavernas
Para mostrar a seus filhos, engordados pelos cogumelos
e pelas pequenas frutas, quais poderiam ser caçados.

Os homens perseguem as bestas.

As cientistas caminham mais devagar, subindo as colinas
e descendo até a beira d'água através dos lugares onde corre a argila vermelha.
Estão carregando seus bebês nas faixas que fizeram,

liberando suas mãos para colher cogumelos ⁶.

Neste poema, Gaiman descreve e reconhece o papel das mulheres no nascimento da ciência, a partir do cuidado das atividades necessárias para, no contato direto com a natureza, sustentar o cotidiano da vida e, ao mesmo tempo, preservá-la, observando e sistematizando riscos e benefícios e traçando estratégias de sobrevivência. Ainda mais relevante, para mim, neste trabalho, é a forma pela qual o autor apresenta quatro aspectos fundamentais da investigação científica: a observação, a experimentação, a mensuração e a formulação de princípios

⁶ Science, as you know, my little one, is the study/of the nature and behaviour of the universe/ It's based on observation, on experiment, and measurement,/and the formulation of laws to describe the facts revealed.

In the old times, they say, the men came already fitted with brains/ designed to follow flesh-beasts at a run,/ to hurdle blindly into the unknown,/ and then to find their way back home when lost/ with a slain antelope to carry between them./ Or, on bad hunting days, nothing.

The women, who did not need to run down prey,/ had brains that spotted landmarks and made paths between them/ left at the thorn bush and across the scree/ and look down in the bole of the half-fallen tree,/ because sometimes there are mushrooms.

Before the flint club, or flint butcher's tools,/ The first tool of all was a sling for the baby/ to keep our hands free/ and something to put the berries and the mushrooms in,/ the roots and the good leaves, the seeds and the crawlers./ Then a flint pestle to smash, to crush, to grind or break.

And sometimes men chased the beasts/ into the deep woods,/ and never came back.

Some mushrooms will kill you,/ while some will show you gods/ and some will feed the hunger in our bellies. Identify.

Others will kill us if we eat them raw,/ and kill us again if we cook them once,/ but if we boil them up in spring water, and pour the water away,/ and then boil them once more, and pour the water away,/ only then can we eat them safely. Observe.

Observe childbirth, measure the swell of bellies and the shape of breasts,/ and through experience discover how to bring babies safely into the world/ Observe everything.

And the mushroom hunters walk the ways they walk/ and watch the world, and see what they observe/ And some of them would thrive and lick their lips,/ While others clutched their stomachs and expired/ So laws are made and handed down on what is safe/ Formulate.

The tools we make to build our lives:/ our clothes, our food, our path home.../ all these things we base on observation,/on experiment, on measurement, on truth.

And science, you remember, is the study/ of the nature and behaviour of the universe,/based on observation, experiment, and measurement,/and the formulation of laws to describe these facts.

The race continues. An early scientist/ drew beasts upon the walls of caves/ to show her children, now all fat on mushrooms/ and on berries, what would be safe to hunt.

The men go running on after beasts.

The scientists walk more slowly, over to the brow of the hill/ and down to the water's edge and past the place where the red clay runs/ They are carrying their babies in the slings they made,/freeing their hands to pick the mushrooms

baseados nos três primeiros passos. Para tanto, a intimidade com a natureza parece ser fundamental, intimidade que, aos poucos, fomos perdendo, talvez por influência da mesma ciência que, ao se deslocar dos ambientes naturais para os laboratórios, afastou-se da possibilidade de observar os fenômenos naturais tais quais eles se apresentam. É ainda Latour (idem) que apresenta a ideia de que o objeto de investigação da ciência feita com base no empirismo moderno é definido e criado pelos instrumentos inventados para investigá-lo. Ou seja, para ele, as condições artificiais criadas em laboratório criam os fenômenos que se propõem pesquisar, não proporcionando, portanto, uma observação destes fenômenos em estado “natural”, como se apresentam na vida vivida, em ato.

Ao utilizar os cogumelos como guias de sua etnografia, Tsing (2018) aponta uma metodologia que busca os rastros, as frestas e brechas; cogumelos persistem em escapar ao controle, organizam-se em ecologias complexas. São comunidades ecológicas, seu cultivo é misterioso, os resultados, inesperados. Coletores de cogumelos silvestres, conforme descritos por ela, são, em sua maioria, pessoas marginalizadas cuja atividade é uma forma possível de subsistência e geração de renda. Ela afirma (idem, p.369):

catadores independentes procuram os cogumelos, vendendo-os em pontos de compra. No tecido danificado da gestão moderna de recursos, transformar cogumelos em dinheiro reúne histórias humanas e não-humanas de perturbação radical. Com os cogumelos, pessoas desempoderadas e marginalizadas encontram vida em paisagens arruinadas.

O apagamento das narrativas relacionadas a estas pessoas e suas relações com os cogumelos insere a produção destes numa cadeia de comoditização que, ao priorizar as relações comerciais, rompe os nexos de sentido que conectam os fungos, seus territórios, seus coletores, as pessoas que os preparam e comem, as receitas, os saberes e sabores peculiares a eles. Assim, toda uma construção histórica, simbólica e cultural é anulada. Ao narrar suas histórias, Tsing (2015) propõe formas de companheirismo interespecífico que se baseiam na familiaridade e na identificação e nos convida: “Se você procura um mundo de companheiros mutuamente prósperos, considere os cogumelos” (p. 182). É preciso, segundo ela, recuperar o amor e o romance que conectavam historicamente as plantas, as pessoas e os lugares, a fim de evitar os efeitos alienantes dos processos de comoditização e do agronegócio. Através das

narrativas, retornar aos territórios como “espaços louvados”, em contraponto aos “não-lugares” criados pela pressão do capitalismo e da monetização das relações.⁷

Haraway (idem) aponta a importância de reconstituirmos os refúgios a fim de abrigarem arranjos multiespécies, “incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humanos-como-humus” (p.140). De acordo com ela, necessitamos de narrativas que abarquem as complexidades destas relações e que estejam abertas para incluir “novas e velhas conexões surpreendentes” (p.141).

O método cartográfico preconizado por Rolnik (2016) busca tornar visíveis as linhas de forças e de afetos, os atravessamentos, as interferências provocadas e vividas nos encontros, nas relações, na vida vivida no mundo. Cartografar não é uma receita, mas uma experiência vivida. Portanto, não pode ser repetida, como uma proposta metodológica, já que é sempre variada, produção viva em ato. É buscar – e encontrar – formas de visibilizar as linhas que representam a dinâmica de fluxos de forças e afetações que nos atravessam, nos perpassam, nos transmutam. Nem toda vivência é uma experiência cartográfica; a cartografia nos convoca a sair das marcas, não é repetição, nem é mapa: é deslocamento de território. Ela pede uma nova língua para aquilo que é experimentado do ponto de vista existencial.

A autora afirma ainda que, para que o outro se torne presença viva, companheiro e cúmplice na criação de novos territórios de existir e não meramente objeto de projeção, devemos que exercer e sustentar a vulnerabilidade. Esta depende da capacidade de apreender a alteridade como força viva que nos atravessa em afetos e sensações, o que permite que o outro seja reconhecido como presença que se entretetece à nossa própria textura, tornando-se indiscernível de nós mesmos, capacidade que Rolnik nomeou como sendo característica de um corpo vibrátil.

A narrativa pode ser, portanto, não só uma estratégia de compreensão do mundo à partir da qual é possível produzir ciência, mas também um instrumento de emancipação e desalienação, ao colocar-nos em contato com esse corpo vibrátil, que é afetado e transformado pela escuta

⁷ Bachelard (1974) afirma a existência do que chama de “*espaços louvados*” (p. 354). Para ele, são aqueles lugares em que nos sentimos protegidos, pois nos remetem às experiências primárias do morar e, por isso, têm características de refúgios. “Não-lugares” é um conceito proposto por Augé (1994), que considera que um lugar é definido por sua identidade, pelas relações que promove e abriga e pela sua historicidade. Espaços que não podem ser definidos por esses fatores, que são locais de passagem e presença efêmera são, em sua concepção, não-lugares.

investigativa, ao mesmo tempo em que afeta e transforma o campo de relação em que está inserido e pelo qual se constitui como singularidade que cocria, através da mutualidade, novas formas de existência.

Vasconcelos (2013, p. 66) aponta que Guattari (2012) defende uma mudança de paradigma para as ciências humanas, de um modelo cientificista-interpretativo para abordagens ético-estéticas que, assim como as expressividades chamadas artísticas, promovam rupturas, emergência, furos e novas possibilidades de subjetivação. Para tanto, torna-se necessário ampliar o "coeficiente de transversalidade", que

significa o grau de abertura de um indivíduo ou grupo para levar em conta essas múltiplas dimensões que atravessam e produzem suas vidas e subjetividades, no sentido de viverem o risco de se confrontarem com o novo e a alteridade, assumirem o sentido de sua práxis e se instaurarem como indivíduos e grupo sujeitos, não grupos sujeitados. Daí, a exigência inevitável da 'transdisciplinaridade', como estratégia de abordagem dos diversos componentes transversais que atravessa qualquer realidade humana e social.

Quando propomos uma investigação científica apoiada nas narrativas dos fenômenos e nos atravessamentos causados por elas em nós, enquanto pesquisadoras e pesquisadores em estado de implicação, tanto a proposta etnográfica, quanto a cartográfica, parecem bastante adequadas à pesquisa nas chamadas ciências sociais e humanas. Contudo, estariam as chamadas ciências duras ou de bancada abertas para essa transformação? Cientistas como Carlo Rovelli, físico italiano especialista em gravidade quântica, utiliza-se de narrativas, histórias e interlocuções com a arte, particularmente a música e a literatura, para abordar conceitos bastante complexos de sua área de pesquisa, tensionando, por exemplo, a partir das descobertas da física quântica, as noções hegemônicas de tempo (2008) e de realidade (2017). É ele quem afirma:

para compreender a realidade, é necessário considerar que aquilo a que nos referimos ao falar da realidade está estreitamente ligado a essa rede de relações, de informação recíproca, que tece o mundo. No fundo, é dela que falamos sempre. Nós, por exemplo, dividimos a realidade ao nosso redor em objetos. Mas a realidade não é feita de objetos. É um fluxo contínuo e continuamente variável (Rovelli, 2017, p.150).

A visão transdisciplinar e a configuração de novos/outros campos de saber, muitas vezes resultantes de composições e hibridizações de domínios antes tradicionalmente isolados,

assim como dos saberes tradicionais dos povos originários, não-ocidentais, muitos dos quais têm as mulheres e os anciãos como guardiãs e guardiões, tendo sido desprezados pela ciência hegemônica, convidam à formulação de novas epistemologias e estas, a novos métodos de investigação e de pesquisa. Uma das principais frentes de investigação que se abre neste trabalho refere-se à exploração mais ampla e aprofundada das diferenças e semelhanças entre os processos da etnografia e cartografia e seus usos como métodos investigativos.

As histórias têm o poder de nos reconectar com a curiosidade que nos levou, como humanidade, a buscar a compreensão dos fenômenos do mundo e a criar ciência, através da observação, da experimentação, da mensuração e da sistematização. Através das narrativas, que relatam experiências - não só as humanas - e nos revelam modos de existência tão diversos quanto numerosos, recuperamos o encantamento e o amor pela vida e todas as suas manifestações humanas e não-humanas, assim como por nossa história compartilhada. Ao admitir que existimos inexoravelmente tramados numa rede de relações sociais, históricas e ecológicas, nos inserimos na polifonia que constitui a existência compartilhada, revelando-nos como produtores e produto dessa rede de afetos (Critelli, 2013).

Referências Bibliográficas

Augé, M.(1994). **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

Bachelard, G. (1974). A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Vol. 38. São Paulo: Abril Cultural. pp 341-512.

Critelli, Dulce (2013). **História pessoal e sentido da vida:** historiobiografia. São Paulo: EDUC-FAPESP.

Cruz, K. T. (2016). **Agires militantes, produção de territórios e modos de governar:** conversações sobre o governo de si e dos outros. Porto Alegre: Rede Unida.

Deleuze, G. (1992). **Conversações**. São Paulo: Editora 34.

Guattari, F. (2012). **Caosmose:** um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34.

Haraway, D. (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**: pesquisa, jornalismo e arte I, ano 3, n. 5. pp 139-146.

Latour, B. (1994). **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro, Editora 34.

Rolnik, S. (2016). **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina.

Roszak, T. (1995). When Psyche Meets Gaia. In Roszak, T., Gomes, M. E., Kanner, A. D. (orgs). **Ecopsychology, restoring the earth, healing the mind**. Berkeley: Counterpoint.

Tsing, A. L. (2015). Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha**, v.17, n.1, pp.177-201.

_____ (2018). Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). **Cadernos do Lepaarq**, v. XV, n.30. pp. 366-382.

Vasconcelos, E. (2013). **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. 6 ed. Petrópolis: Vozes.